

maomé: o profeta que transformou o mundo

mohamad jebara

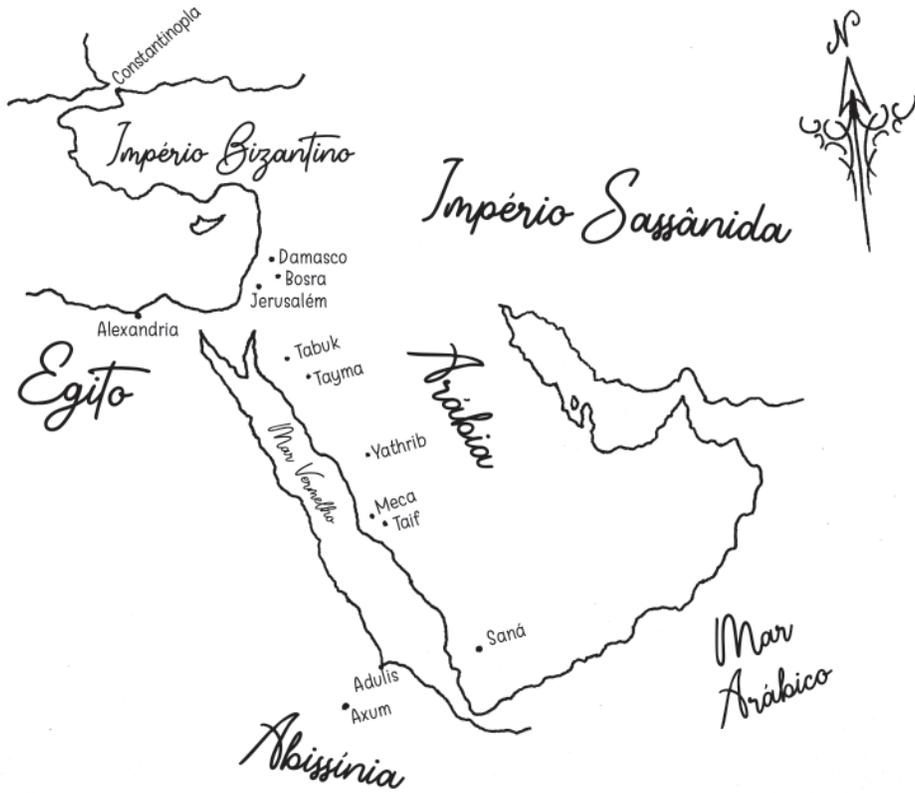
Tradução de José Remelhe

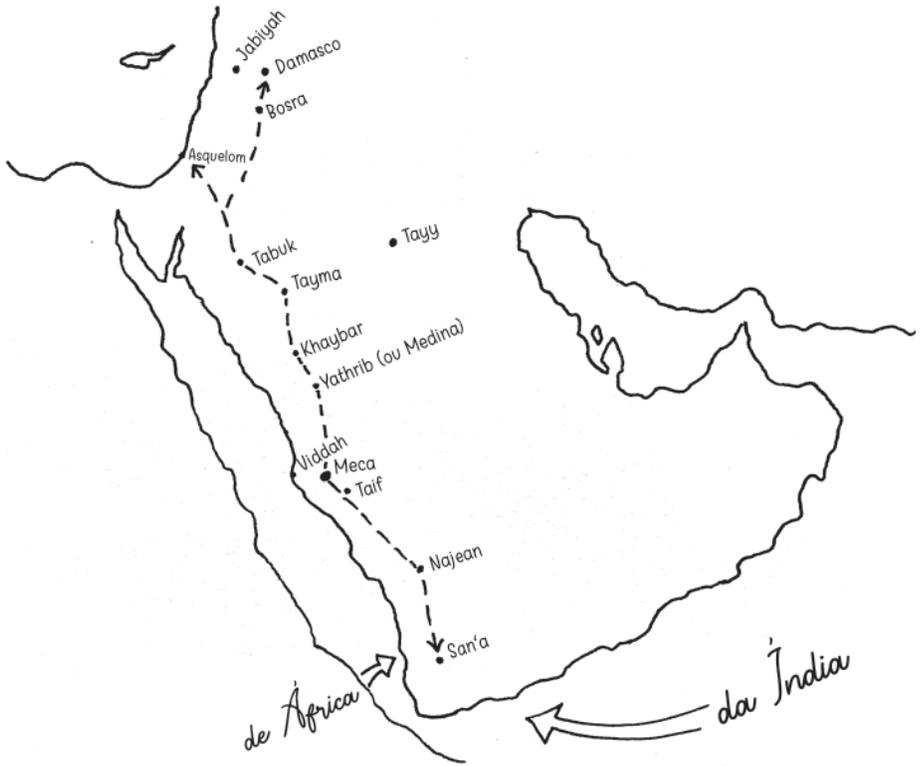
ÍNDICE

Nota do Autor	13
Introdução: Maomé, para lá dos Estereótipos	17
PARTE I <i>Raízes do Pensamento</i>	
1 Um Nome Único: <i>O Fardo de Uma Missão Arrojada</i>	37
2 O Órfão	60
3 O Aprendiz	82
PARTE II <i>Formação do Pensamento</i>	
4 O Empresário: <i>Tornar-se Um Homem com Impacto</i>	109
5 O Profeta: <i>Inspirar os Outros</i>	133
6 Boicote: <i>Transformar Opressão em Oportunidade</i>	163
PARTE III <i>Aplicação do Pensamento</i>	
7 Medina	199
8 O Derradeiro Teste	231
9 Triunfo: <i>Estabelecimento da Nova Ordem Meritocrática da Arábia</i>	262
10 Islão: <i>Preservar Ideais Nucleares para a Posteridade</i>	289
Epílogo: O Inapreensível Legado do Pensamento de Maomé	313
Documentação Consultada	329



*Para o Infinito Mistério dos Mistérios,
a Grande Força Invisível subjacente a toda a vida,
a Luz que ilumina a ordem cósmica,
o Sábio Mentor e a Prodigiosa
Inspiração daquele que mudou o mundo*





Principais Rotas
de Caravanas

NOTA DO AUTOR



Versado nos métodos da erudição islâmica tradicional, mas a escrever para um público leigo, tive de equilibrar um leque de fatores para tornar esta biografia fundamentada em ciências islâmicas estabelecidas e acessível a leitores de todos os quadrantes. O meu objetivo foi explorar a sabedoria do *‘ulama* (organismo tradicional de eruditos e sábios islâmicos) de modo a proporcionar uma visão humanizada de Maomé e do seu mundo.

Para facilitar a leitura, não incluí a expressão honorífica «a paz esteja com ele» que geralmente se acrescenta ao mencionar o nome de Maomé. Do mesmo modo, ao invés de inserir uma nota de rodapé para cada facto apresentado no texto, no final da obra, incluí uma lista de documentação consultada.

As transliterações árabes de consoantes (*sirat*, não *zirat*) e vogais (*Musa*, não *Musé*; e *‘alaihi*, não *‘alaihum*) selecionadas baseiam-se nos caracteres cúficos vernaculares e nas linhas de orientação da *tajwid* (elocução) de Imam Hafs, através de *‘Asim*, que é a pronúncia popular do árabe clássico normalizado pelos abássidas no Oriente (ou seja, as terras a oriente do Egito, incluindo os antigos domínios dos Otomanos, Safávidas e Mughals). No caso de certos nomes próprios, utilizo a tradução inglesa padrão: Meca, não Makkah; Medina, não Madinah; Al-Zahiriya, não Ath-Thahiriyyah; Iémen, não Yaman. Também para facilitar a leitura, não acentuo as vogais longas ou sons árabes distintos.

A tradução de qualquer língua antiga para inglês contemporâneo tem os seus desafios. As minhas traduções (incluindo passagens do Alcorão)

baseiam-se nos significados basilares semíticos de palavras árabes, conhecimento do significado de termos árabes na era de Maomé (muitos evoluíram desde então), e contexto narrativo para identificar o significado pretendido entre tantos potenciais homónimos. Fiz os possíveis por transmitir as *nuances* da língua original sem as interpretações doutrinárias desenvolvidas nos séculos seguintes (que caracterizam muitas traduções inglesas padrão de versículos do Alcorão que tentam competir com a Bíblia do Rei Tiago). As traduções baseiam-se na conjugação da conotação de passagens entre variações do Alcorão, conhecidas como *Qira`at* (expressões, vernáculos). Conforme explico mais à frente, utilizo muitas vezes as expressões *o Divino* ou *Terno Divino* para a palavra árabe *Allah* — e *Mentor Divino* ou *Mentor Cósmico* para o *Rabb* árabe.

Calculei a ocorrência de acontecimentos-chave descritos na obra mediante a referência cruzada de pormenores da erudição islâmica com outras fontes históricas, bem como o mapeamento do calendário islâmico para o calendário gregoriano moderno (em que EC significa Era Comum). Certas palavras árabes que comunicam *nuances* relacionadas com pontos temporais proporcionaram outras evidências. Por exemplo, vários verbos assinalam com exatidão o momento da ação, incluindo: *asbaha* (no início do romper da aurora); *yaghdu* (no final do romper da aurora); *ashraqa* (ao nascer do sol); *adh-ha* (pela manhã); *zala* (ao meio-dia); *thalla* (de tarde); *amsa* (ao final da tarde); *bata* (à noite); *taraqa* (à meia-noite); e *raha* (a altas horas da noite). Pistas retiradas da língua podem assim conferir uma precisão formidável a acontecimentos que ocorreram há séculos.

Por fim, conforme digo na introdução, Maomé instruiu explicitamente os discípulos para que se concentrassem nas suas ideias e não na sua vida e pessoa. Porém, esse pedido foi ignorado pouco depois da sua morte e o estudo da sua vida — *sirah* — emergiu como uma disciplina formal da erudição islâmica. Enquanto esta obra constitui um pequeno contributo nesse campo, redigi-a com um misto de sentimentos, ciente do facto de estar a invadir a privacidade de Maomé. Maomé, o ícone histórico e espiritual, merece ser mais bem compreendido e espero que ele me perdoe a intrusão.

MAOMÉ



O PROFETA QUE
TRANSFORMOU
O MUNDO



INTRODUÇÃO



MAOMÉ, PARA LÁ DOS ESTEREÓTIPOS

Meca: 10h, sexta-feira, 20 de março de 610 EC

O cheiro a especiarias frescas e incenso saturava o tonificante ar matinal enquanto um impressionante vulto de vermelho e branco caminhava pelo mercado de Meca apinhado de fregueses que se preparavam para as celebrações do equinócio da primavera.

O homem de vermelho e branco destacava-se da turba, as suas vestes arrojadas a desafiar a classificação tribal padrão numa sociedade em que a roupa era como um bilhete de identidade. Os habitantes da Arábia declaravam as suas ligações a clãs através dos diferentes estilos, cores e formas da indumentária e da disposição dos turbantes. Porém, a conjugação de cores do homem não correspondia a qualquer visual tribal estabelecido, sugerindo em vez disso uma fusão de identidades, incluindo estilos exteriores à Arábia.

Supostamente, as sextas-feiras eram um momento de orgulho árabe acentuado. Os habitantes de Meca chamavam-lhe *yawm-ul-‘urubah* (dia do orgulho árabe). A sua celebração semanal espelhava a obsessão da Arábia com a identidade tribal. A multidão que estava no mercado não fazia ideia de que o homem de vermelho e branco um dia converteria as sextas-feiras em *yawm-ul-jumu‘ah* (dia da inclusão).

Embora os árabes dessa época estivessem aquém dos impérios vizinhos em termos de literacia e desenvolvimento — o império bizantino, a Pérsia e a Abissínia suplantavam de longe a Arábia —, o orgulho continuava a ser fulcral para o sentimento de identidade árabe. O seu lendário código de honra

consentia elevados padrões de generosidade e confiança. Em Meca, nenhum visitante passava fome, pois os clãs competiam com ferocidade para acolher os hóspedes, muitos deles mercadores atraídos para vender as suas mercadorias em Meca graças à reputação dos locais pela sua honestidade no que diz respeito ao comércio.

A chuva regressara no fim do inverno e a flora do deserto começara a florir. As inundações súbitas de fevereiro tinham diminuído, desobstruindo os caminhos do deserto para os mercadores locais, que em breve partiriam na caravana sazonal rumo a norte, até à Síria.

As caravanas que transportavam mercadorias e peregrinos convergiam agora à capital, seguindo por ruas bastante desarborizadas, passando por construções de tijolos de barro rumo a uma edificação assimétrica ao centro. Conhecida por Caaba (nexo), albergava os objetos mais prezados da Arábia: trezentos e sessenta ídolos de devoção. O santuário, o único edifício em alvenaria de Meca, era dirigido por sacerdotes que apenas permitiam a entrada a elites abastadas e bem vestidas. Os peregrinos pobres que não tinham poses para comprar as roupas requintadas exigidas vagueavam pela Caaba nus. Graças ao homem de vermelho e branco, o santuário seria um dia transformado num ponto de reunião igualitário sem guardiões ou ídolos — e sem a exigência de se envergar vestes especiais.

Os habitantes de Meca não produziam bens próprios para exportação. Em vez disso, eram intermediários de confiança que estabeleciam a ligação entre a Índia e a África Oriental e o império bizantino, que carecia de especiarias para as cozinhas e de incenso (que valia o seu peso em ouro) para rituais cristãos.

O homem de vermelho e branco já fizera muitas vezes a viagem de um mês com a caravana que seguia para norte, até Damasco, transportando a sua carga por areias desoladas. Para a maioria dos comerciantes árabes, a viagem com a caravana era uma necessidade comercial habitual. Passavam por culturas estrangeiras sem realmente expandirem as mentes. Porém, o homem de vermelho e branco observara atentamente o mundo para lá da Arábia: conversando com os locais, explorando as suas culturas e examinando como a natureza funcionava em climas mais verdejantes para lá do deserto.

Analista contemplativo, passara a compreender que o enorme orgulho do seu povo os privava do dinamismo. Estavam tão empenhados em manter as tradições dos seus antepassados que temiam toda e qualquer mudança. O seu código de honra envolvia não apenas uma reverência cega aos antepassados,

mas também transformar outros em bodes expiatórios, preconceitos contra as mulheres, desdém pelos desfavorecidos, desconfiança em relação aos estrangeiros e um profundo medo da inovação.

Porém, a recusa de Meca em mudar estava prestes a ser posta à prova.

A várias centenas de metros da Caaba, o homem de vermelho e branco emergiu do meio da multidão e começou a subir um pequeno monte sobranceiro ao mercado. O afloramento tinha uma função cívica distinta e uma designação especial: Abu Qubais (local de anúncios breves). Quando era preciso comunicar notícias urgentes, subia-se a este ponto proeminente.

Enquanto o homem de vermelho e branco subia com confiança, deixava para trás no ar um rasto de mirra aromática. A turba no mercado reparou nele e fez silêncio. Compradores e vendedores pararam de regatear e fitaram-no. Com um metro e oitenta e dois de altura e entroncado, o homem de 40 anos parecia em boa forma física. Tinha um ar jovem, mas maduro, com uns olhos escuros fascinantes e dentes brancos e cintilantes a contrastar com a pele escura. Tinha o cabelo reluzente, preto com um tom arruivado, penteado, com madeixas encaracoladas e preso atrás das orelhas.

Chegado ao cume do Abu Qubais, o homem contemplou o cenário em baixo: a Caaba e o deserto, que se estendia para lá da cidade até à lonjura. Fez um compasso de espera, depois rompeu o silêncio. Um a um, invocou os catorze grandes clãs de Meca:

— Ó Banu Hashim! Ó Banu Umayyah! Ó mais honrado entre os Quraish!

Todos os clãs reconheciam o homem pela sua hábil diplomacia, que menos de cinco anos antes evitara uma guerra civil em Meca. As inundações súbitas de inverno tinham assolado a cidade e destruído a Caaba. Quando chegara o momento de reconstruir o santuário, cada clã almejava a honra de colocar a nova primeira pedra. O aceso debate dera lugar a uma excitação extrema — até que o homem pegara no seu *burdah* (manto) verde-esmeralda e o colocara debaixo da primeira pedra. Os anciões de cada clã agarraram as beiras do manto do homem e, juntos, levaram a pedra até ao local pretendido.

Essa inteligente mediação cívica cimentara a reputação do homem de cidadão íntegro, para além de ser um dos homens de negócios mais respeitados de Meca. Para além de ascender da mais abjeta pobreza até acumular uma fortuna graças à sua sagacidade comercial, era o responsável pela caixa-forte da cidade, mantendo os objetos de valor dos outros residentes em segurança quando estes tinham de viajar.

O homem de vermelho e branco começou por evocar a sua superlativa reputação:

— Deixai-me perguntar-vos, e todos vós me conheceis bem, pois convosco vivi uma vida inteira: o que pensais de mim no que diz respeito à minha palavra?

As respostas ressoaram da multidão: «*amin*» (digno de confiança), «*rahum*» (misericordioso), «*karim*» (generoso), «*ibnu sayyidi qawmih*» (descendente de um grande líder), «*‘athimun shanuka, sadiqul-lisanuk*» (honorável nos modos, fidedigno nas palavras).

O público preparado, o homem de vermelho e branco lançou-se no seu *‘ardh* (grande discurso), entoando árabe articulado na perfeição numa voz tonitruante, cada palavra carregada de sentido expressivo. Com uma retórica vívida e florida a evocar o florescimento primaveril, rogou às pessoas reunidas à sua frente que se libertassem da estagnação e se abrissem a novas possibilidades.

A multidão no mercado fitou-o num assombro silencioso perante este pedido inesperado. Ao fim de um minuto de silêncio tenso, um homem de cabelos ruivos e uns olhos verdes penetrantes finalmente berrou:

— Maldito sejas, ó Maomé! Foi por isso que nos reuniste aqui? — A turba, abanando a cabeça e com expressões de desdém, dispersou. Alguns riram ao afastar-se, interrogando-se se «Maomé perdera o juízo». Um homem abastado como ele, isolado durante anos numa caverna desolada no monte Hira, para regressar com estranho pedido de que mudassem os seus modos!

Maomé foi deixado sozinho no Abu Qubais. Aparentemente, a grande declaração que anunciava uma nova era não tivera impacto algum. O que ele e a multidão presente naquela manhã de março não podiam saber era que a sua declaração mudaria o rumo da história mundial, que o arrojado processo de transformação pessoal enaltecida desde o monte galvanizaria milhões de pessoas, e que este homem solitário no monte se tornaria uma das pessoas mais influentes de sempre.

Ao longo dos vinte e dois anos seguintes, Maomé recuperaria do seu discurso fracassado, ultrapassaria repetidas vezes obstáculos quase avassaladores e lideraria uma explosão de inovação na qual assentaram os pilares do pensamento intelectual do mundo moderno. Acabaria por regressar a Meca, discursar diante de uma multidão de cento e vinte mil pessoas e ser anunciado como uma grande personalidade que mudou o mundo. No fim, o seu arrojado convite para florescer triunfaria, ecoando pela história até aos dias de hoje e inspirando pessoas de todos os quadrantes a transformarem-se e a transformarem o mundo.

* * *

Maomé acompanhou-me toda a vida: no dia em que nasci, recebi o seu nome, mas durante anos nada soube sobre ele.

Aos 10 anos, a crescer no Canadá, achava que a escola era uma monotonia, pois os professores exigiam que se aprendessem factos sem os analisar — apenas uma resposta certa sem discernimento independente. Regurgitar informações recebidas não me assentava bem e comecei a questionar tudo numa espécie de rebelião pré-adolescente.

Entretanto, o mistério da minha identidade muçulmana erguia-se em segundo plano. Além de visitas ocasionais à única mesquita da cidade onde vivia e de fazer o jejum durante o Ramadão, praticava as tradições religiosas da minha família sem entusiasmo e sem compreender *porquê*. Nas paredes das casas das pessoas, observava tapeçarias que ilustravam um cubo preto cercado pelo que parecia ser água (só mais tarde fiquei a saber tratar-se de um aglomerado de pessoas a andar à roda). Pensara ser uma unidade de filtragem de recursos hídricos.

Durante um passeio da escola com um acampamento, os monitores perguntaram-me se eu tinha restrições de dieta especiais. Fiquei espantado com a pergunta.

— O teu nome é Maomé — explicaram, fazendo um esforço para serem sensíveis. Todavia, eu nunca ouvira a palavra *halal* (sem restrições) e não fazia ideia de que poderiam esperar que eu tivesse uma alimentação diferente da dos outros alunos. Não obstante, levava comigo o nome do profeta do Islão para toda a parte. Certa vez, no parque, alguém ficou a saber o meu nome e gracejou:

— Ei, Maomé, como está a montanha? — Não percebi a piada: eu gostava de fazer caminhadas, mas não havia montanhas na minha cidade.

No sábado, mudei para o canal de televisão em língua francesa, que transmitia uma série de banda desenhada que retratava figuras históricas. O episódio dessa manhã incluía uma personagem selvática chamada Mahomet que fazia lembrar um pirata. Brandia uma espada e matava pessoas em batalhas. Só soube que era meu homónimo quando, mais tarde, encontrei uma edição de 1952 da enciclopédia Funk & Wagnalls. A secção «Islão» do tomo incluía a imagem de um homem de barba a segurar uma espada e um livro. Em segundo plano, havia um cubo preto no meio de árvores de folha perene (a Caaba na Escócia!?) cercado de homens com os sabres ao alto. Por cima, numa legenda, lia-se: «Maomé, fundador do Islão, com a espada e o Corão, símbolos da sua fé.»

Poderia ser o homem que estivera na origem do meu nome? Esta imagem inquietante não podia ser exata, mas eu não tinha acesso a qualquer outra descrição além da dos anciões da minha comunidade que elogiavam Maomé a pontuar as suas conversas em árabe.

Mesmo a tempo, descobri a película *Maomé — O Mensageiro de Alá*, um filme em inglês (filmado simultaneamente em árabe e lançado com o nome *Al-Risalah*) que chegou às salas de cinema mais ou menos ao mesmo tempo que o *Star Wars*. Tal como o clássico de George Lucas, *Maomé — O Mensageiro de Alá* foi filmado no Norte de África e retratava um órfão numa terra desconhecida que embarcava numa busca de identidade e, no processo, salvava o mundo.

Eu e os meus amigos devorámos a fita de VHS, assistindo dezenas de vezes ao épico passado no deserto. Ficámos entusiasmados ao assistir a um grandioso *thriller* cinematográfico que fazia parte da nossa tradição. Sabíamos pouco sobre as origens da nossa religião, mas aqui estava uma extraordinária introdução com trajes elegantes, cenários vívidos e panoramas arrebatadores. Pela primeira vez, senti uma ligação com um legado do qual me podia orgulhar. Embora Maomé não diga coisa alguma no filme e, na realidade, nunca seja filmado — a câmara mostra o mundo a partir da sua perspetiva —, pelo menos tive a oportunidade de ver o mundo através dos seus olhos.

Não obstante, havia duas mensagens contraditórias: as pessoas da minha cultura muçulmana veneravam Maomé como um modelo de perfeição absoluta, e a minha cultura popular ocidental apresentava-o como um guerreiro selvático. Eu tinha de esclarecer a contradição.

Seguindo a sugestão de um vizinho, a minha busca começou na mesquita com uma prelação de um erudito convidado. O tópico — os ensinamentos de Maomé sobre higiene — não pareceu auspicioso, mas o orador chamou a minha atenção ao descodificar termos árabes de provérbios do profeta (denominados hádices) e ao fazer a referência cruzada de informações de vários relatos da vida de Maomé. O erudito pareceu-me um detetive: a vasculhar fontes para juntar as peças de um *puzzle*, a decifrar palavras antigas para revelar substanciais significados ocultos, e fazendo pausas para perguntar ao público aquilo que pensávamos como uma maneira de nos ajudar a sintetizar as nossas próprias conclusões.

Fiquei viciado. Os estudos islâmicos tornaram-se o meu *hobby* da mesma forma que outros miúdos da vizinhança começaram a praticar hóquei. Tal como eles nunca esperaram deveras jogar na liga nacional de hóquei, eu nunca esperei tornar-me um clérigo. Porém, não tardei a gastar todas as

minhas economias, que ganhara a entregar jornais, em bilhetes de autocarro para ir assistir a aulas de Alcorão depois da escola, viajando aos fins de semana para estudar com estudiosos visitantes do Médio Oriente e comprando todos os manuais de gramática árabe que encontrava.

Nem sempre foi fácil mergulhar nos recônditos do mundo das ciências muçulmanas com mil e quatrocentos anos. Dominar a elocução correta do Alcorão em árabe (*tajwid*) foi uma tarefa intimidante. Tive dificuldade em conseguir a pronúncia correta de uma língua antiga diferente do meu inglês nativo. Certa vez, no âmbito das minhas aulas, tive de recitar um segmento (*juz*) do Alcorão de vinte páginas. Um pequeno erro na página dezanove levou o meu instrutor a, sem proferir palavras, dar uma palmada na perna assinalando que eu teria de voltar ao início.

Por fim, aos 12 anos, consegui memorizar o Alcorão na íntegra. Porém, para meu espanto, o nome Maomé apenas surgia quatro vezes no seu livro sagrado. Aprender o Alcorão literalmente palavra por palavra não me revelara coisa alguma sobre ele e, embora tivesse memorizado as palavras e a sua pronúncia precisa, não fazia ideia do que significavam. Dedicaria os três anos seguintes a dominar a língua e a gramática árabe, o que revelou novas camadas de significado, mas só me levantou mais dúvidas sobre a mensagem do Alcorão.

Os mestres instigaram-me a ter paciência — «como uma palmeira que pode demorar setenta anos a dar fruto». Como eu nunca vira uma palmeira, a sua metáfora sobre o valor da gratificação intelectual adiada não surtiu efeito. Não obstante, comecei a desenvolver disciplina: a prestar atenção a instruções, a memorizar com rigor, a manter-me organizado e a estar sempre preparado.

Por fim, certa noite, ao cabo de cinco anos de estudo, o meu mestre deu-me um novo livro: *Siratu Rasulillah*, de Ibnu Hisham, um relato do século XIX da vida de Maomé da autoria de um estudioso no Egito. Devorei o livro em três dias nas viagens de autocarro, sentado num lago local onde havia patos e até mesmo a caminhar pelos corredores da secundária. A narrativa era fascinante e muito mais fantástica do que esperara. O autor dava poucos pormenores concretos sobre o profeta propriamente dito, focando-se antes nas histórias secundárias do mundo em seu redor.

Os meus mestres perceberam que o livro me despertara a curiosidade, mas que não resolvera nada. Amavelmente, ofereceram-me outro livro: *A História dos Profetas e Reis*, de At-Tabari, uma análise da história mundial da autoria de um historiador que escreveu no Iraque do século X que incluía uma

secção sobre Maomé. At-Tabari providenciava não apenas contexto histórico, mas também detalhes diferentes de Ibnu Hisham. At-Tabari narrava conversas mais pormenorizadas que Maomé tivera com figuras fulcrais, como o primo da sua mulher Waraqah, um eremita cristão. At-Tabari fornecia também informações de fundo sobre o mundo onde Maomé nascera, incluindo, para meu espanto, que a cidade de Medina possuía um grande bairro judeu (não retratado no filme *Maomé — O Mensageiro de Alá*) que fora fundado por refugiados judeus que fugiram à destruição do Templo em Jerusalém.

Era evidente que os estudiosos sabiam muito sobre a vida e a sociedade de Maomé, mas esses pormenores continuavam espalhados por fontes díspares. Além disso, as discrepâncias entre os relatos de Ibnu Hisham e At-Tabari significavam que não havia um consenso definitivo relativamente a vários pormenores relacionados com Maomé. Como era possível? Ao contrário de Moisés ou Jesus, Maomé vivera num passado relativamente recente. Centenas de pessoas conhecidas dos historiadores passaram imenso tempo com ele. Certamente haveria registo de acontecimentos extraordinários que teriam presenciado.

Quando tentava revelar esta misteriosa ausência, deparei com um hádice em que Maomé declarava: «Não me glorifiqueis, não me exulteis e não me louveis como os cristãos fizeram a Jesus, filho de Maria, pois eu não passo de um simples mortal.» Quando os seguidores se sentiam intimidados na sua presença, insistia: «Sou um simples mortal como vós.»

Percebi que Maomé se encobriera propositadamente. De facto, tal como ‘Ali, primo de Maomé, relatou vinte e cinco anos após a morte do profeta: «O mensageiro de Deus proibiu-nos de escrever qualquer coisa sobre ele ou que tenha dito, a não ser o Alcorão.» Maomé implorou aos seus seguidores que se concentrassem na mensagem, não no mensageiro, para não se tornar estático como um ídolo. Isto resolvia a primeira parte do mistério: havia poucas fontes em primeira mão porque Maomé as proibira.

Décadas depois da sua morte, uma nova geração começou a embelezar a narrativa sobre Maomé. Zelosos novos convertidos atribuíram fabulosos milagres ao profeta do Islão. Alguns dos seguidores mais próximos de Maomé perceberam que chegara a hora de repor a verdade. Discípulos originais como ‘Urwah ibnuz-Zubair, Ibnu ‘Abbas e Ibnu Mas‘ud escreveram biografias, mas estas não tardaram a perder-se na história. Em meados de 700 EC esses textos já se haviam perdido, muitos destruídos durante um cerco a Meca e Medina realizado pelo império omíada.

Carecendo de testemunhos presenciais sob a forma escrita, os estudiosos

tiveram de se basear numa tradição oral de vinhetas que só foram transcritas um século depois da morte de Maomé. Por conseguinte, para se identificar o Maomé histórico é necessário examinar minuciosamente uma miríade de fontes acumuladas (nem todas fiáveis) denominadas *sirah* (seguir os passos). As *sirah* englobam centenas de narrativas distintas acumuladas ao longo de séculos que existem numa espécie de diálogo entre si. As *sirah* constituem uma fusão em evolução da história e literatura que procura compreender a vida e a relevância de Maomé. O livro que está a ler constitui outro capítulo desse discurso em revelação.

Cada narrativa biográfica foi elaborada num contexto social e político diferente. Os primeiros livros populares de *sirah* foram redigidos em meados de 750 EC enquanto diferentes escolas de jurisprudência islâmica (*mathahib*) estavam a formar-se e a procurar fontes justificativas dos respetivos princípios. Biografias desse período relatavam histórias sobre Maomé num estilo que espelhava escolas de pensamento específicas. Visto que os escritores não conseguem impedir com facilidade que a sua visão do mundo se intrometa com naturalidade na sua prosa (uma acusação pela qual eu me declaro culpado nesta obra), os escritores de *sirah* apresentam geralmente as suas evidências de uma maneira que faz sentido para a sua audiência contemporânea.

Pressões políticas também influenciam profundamente as *sirah*. O trabalho de *sirah* existente mais antigo, *As Crónicas do Mensageiro de Deus*, foi solicitado pelo califa Al-Mansur como uma recolha de histórias inspiradoras para o seu filho de 10 anos, Al-Mahdi. Um contador de histórias da Arábia chamado Ibnu Ishaq foi incumbido da tarefa de providenciar um modelo para o herdeiro pré-adolescente do califa. O califa, que ajudara recentemente a liderar um massacre de cerca de trinta mil omíadas num golpe de Estado, esperava criar o seu filho como um poderoso sucessor. Como não seria de espantar, o Maomé de Ibnu Ishaq é um bravo conquistador e sagaz estadista. Estudiosos proeminentes da época, tais como Imam Malik de Medina, rejeitaram a obra como se tratando de ficção, mas esta continua a ser um clássico na área.

Em contraste, tomemos o clássico *Ash-Shifa* («A Cura»), uma obra biográfica da autoria de um jurista que viveu na sociedade multicultural aberta da Espanha islâmica do século XII. O compilador, Qadhi (juiz) ‘Iyadh al-Yahsubi, era evidentemente uma alma de mente recetiva, conhecido pela sua clemência nos julgamentos. O seu Maomé é um humanista mais compreensivo do que um guerreiro do deserto. O profeta é descrito como uma pessoa inteligente, mas não intimidante, que acolhe todos e é um modelo de autoajuda para o crescimento espiritual.

A atitude tradicional dos estudiosos islâmicos ao longo dos séculos foi dar prioridade a informações conservadoras — mesmo que inconsistentes —, pelo que qualquer mérito de um texto pode ser retirado por analistas posteriores. A sua metáfora para conteúdos um pouco problemáticos era um cato (*sabr*): apesar de espinhoso e amargo, pode fornecer água capaz de salvar vidas em situações extremas. Assim, as *sirah* estão repletas de ocasionais detalhes bizarros que podem fazer os leitores assustar-se. Por exemplo, Ibnu Hisham, na sua introdução a uma antologia de vinhetas ancestrais, admite omitir detalhes que «podem afligir certas pessoas».

Os livros de *sirah* podem ter sido outrora uma coleção bem organizada e coerente nas bibliotecas medievais de Bagdade, Córdova e não só. Porém, durante o saque mongol a Bagdade em 1258 EC, centenas de milhares de manuscritos foram lançados ao rio Tigre. Durante a Inquisição, a maioria dos livros de Córdova foi queimada em praças públicas; os monges salvaram apenas alguns volumes do inferno de labaredas para as bibliotecas dos seus mosteiros. Todo o material recuperado continua espalhado por bibliotecas da Europa, África, Ásia e Médio Oriente.

Assim, *sirah* é um campo fragmentado cujos estilhaços nunca foram formalmente repostos no seu lugar. Assim que compreendi esta diáspora erudita de obras dispersas, o desafio de encontrar fragmentos em locais improváveis tornou-se uma paixão. Procurar biografias raras foi um pouco como passar a pente fino lojas de discos usados nos tempos antes do iTunes. Uma vez, numa remota área de serviço na Síria, encontrei uma pequena livraria com um raro volume da autoria do erudito do século XII Ibnu 'Asakir sobre o tempo que Maomé passou em Damasco, o qual incluía relatos vívidos das suas interações com os locais. Ali estava uma pedra preciosa escondida que fornecia novas perspetivas sobre aspetos anteriormente desconhecidos da sua vida.

Nestas circunstâncias, a vida de Maomé emerge apenas como um mosaico fragmentado que não descreve diretamente o sujeito. Unir as peças de um retrato rigoroso torna-se um complexo quebra-cabeças arqueológico. As pistas existem, mas estão muitas vezes enterradas em séculos de poeira, à espera de serem descobertas.

Comecei o meu trabalho de detetive com quarenta livros abertos espalhados pelo chão do meu quarto. Um texto serviria para fazer uma referência cruzada a outro, o que, por seu turno, produzia pistas para livros adicionais. Segui a pista por biógrafos, séculos e dialetos, à procura de fontes sólidas entre um turbilhão de prosa. Conforme avalei os dados em bruto, não fazia

ideia de para onde as evidências apontariam e deixei que a informação guiasse a minha busca sem tirar conclusões precipitadas.

Então, como foi que determinei que informação era crível enquanto vasculhava centenas de relatos de acontecimentos ocorridos há mais de um milénio? Convenientemente, o próprio Maomé providenciou uma inequívoca metodologia em três etapas em hádices clássicos sobre a parábola da abelha a recolher pólen para o transformar em mel:

- * Começar com uma lousa em branco e reunir informações de diversas fontes sem preconceito.
- * Analisar toda a informação para determinar as partes que podem ser úteis.
- * Sintetizar as evidências restantes de maneiras que produzam benefícios.

Estabeleci as bases dos meus padrões para avaliar dados num sistema de análise. O vocabulário e as expressões árabes não utilizados no tempo de Maomé eram um sinal de alerta comum, bem como referências a tecnologias e conceitos que só existiram muito tempo depois da sua morte (imagine-se um puritano do século XVII a falar como um surfista californiano do século XXI e a ver as notícias no telemóvel). Quando várias fontes independentes disponibilizavam o mesmo pormenor, uma vinheta tinha mais validade, a menos que as fontes se estivessem a copiar umas às outras. Evidências arqueológicas também podiam ajudar a sustentar ou a invalidar narrativas. Seguir o rasto de uma vinheta até à sua aparência original ajudava a determinar a probabilidade de emergir de um testemunho na primeira pessoa e não de um rumor.

Um exemplo particularmente flagrante de uma história espúria é o famoso mito do «Massacre de Medina», segundo o qual Maomé ordenou a execução de setecentos a novecentos homens judeus sob a acusação de traição em Medina. Investigações revelam que a primeira fonte desta lenda data de mais de um século depois da morte de Maomé. Além disso, fontes fiáveis do século XVII relacionadas com extensas obras de construção no alegado local da vala comum do massacre revelam que não foram descobertos restos humanos, o que seria impossível após um assassinio em massa apenas alguns anos antes. Eminentemente eruditos islâmicos (tais como Al-Awza'i, Ibnu Hajar Al-Asqalani, At-Tabari e muitos outros) rejeitaram o relato como sendo uma

invenção, pois contradiz o registo histórico e os valores fulcrais de Maomé. Por fim, é do conhecimento geral que, quando Maomé morreu cinco anos após o alegado extermínio dos judeus de Medina, vários dos seus vizinhos próximos eram judeus.

Este assassinio de carácter perpetrado contra Maomé revela que a parada pode ser bastante alta ao percorrer os incertos caminhos de *sirah*. Se Maomé deveras ordenou a chacina de centenas de prisioneiros de guerra, a informação mancha necessariamente o seu legado. Se, por outro lado, a vinheta é uma invenção de um contexto político posterior (na realidade, uma apropriação indevida da história de Massada), então os analistas devem pensar duas vezes antes de utilizarem um veredicto baseado em falsos testemunhos. Alegações falsas têm consequências: extremistas invocaram o Massacre de Medina para justificar atrocidades, e críticos do Islão invocaram-no para contestar o carácter de Maomé.

Por conseguinte, incluí nesta obra detalhes da vida de Maomé que submeti a um abrangente processo de análise. De facto, a referência cruzada de fontes e a investigação do registo histórico não serão suficientes sem se desenvolver também uma especialização nas *nuances* em particular do contexto cultural de Maomé. Não é possível compreender o seu mundo sem se avaliar a informação que o próprio examinou ao longo da sua vida.

A língua reveste-se de uma importância crucial, já que o árabe do tempo de Maomé é bastante diferente do árabe-padrão moderno. Vejamos o exemplo de um comando clássico do Alcorão: «*Turhibuna*.» Para árabe moderno, traduzir-se-ia esta ordem por: «Deveis instar o terror nos corações.» Porém, a palavra procedente, *irhab* (que na atualidade de facto significa «terrorismo»), no tempo de Maomé significava ganhar respeito. Assim, a expressão seria traduzida com mais rigor como: «Deveis influenciar as pessoas ganhando o seu respeito.» De facto, o Alcorão fala da *rahbah* (reverência) dos judeus e cristãos por Deus. Quando o Alcorão alude a terror, utiliza o conceito tradicional de *ir-jaf*, que significa «abalo», condenando os *murjifun* (aqueles que dominam pelo terror) por provocarem o abalo dos corações das pessoas com o horror.

À semelhança da maioria das línguas, o árabe está repleto de palavras homónimas que têm vários significados com as mesmas letras. Consoante o contexto, os falantes de inglês têm de determinar se a palavra *bar* («barra» em português) se refere a um chocolate, um pedaço de sabão, um *pub*, uma arma ou um tribunal. Do mesmo modo, a primeira palavra do Alcorão, *iqra*, pode significar «Ler!». Porém, considerando que o contexto era Maomé a dirigir-se

a uma multidão de árabes majoritariamente analfabetos presos num estado de estagnação autoimposta, a palavra sugere que a sua finalidade era inspirar um crescimento intencional. Desta forma, *iqra* traduz-se por um homónimo diferente: «Florescer!»

O que complica ainda mais o trabalho de investigação linguística são os muitos dialetos diferentes de árabe falados pela Arábia na era de Maomé. A mesma palavra podia ter significados diferentes, muitas vezes antagónicos, em diferentes cidades. De facto, estudiosos salientaram que o estilo linguístico do Alcorão se altera depois de Maomé se mudar de Meca para Medina. Alguns críticos aludem a esta alteração como um reflexo dos sucessos políticos de Maomé, alegando que a parte de Meca inclui uma linguagem branda, enquanto o tom em Medina se torna agressivo consoante o seu poder aumenta. Na realidade, com astúcia, Maomé adaptou a sua mensagem aos dialetos locais. Graças à sua herança ancestral partilhada, os habitantes de Meca preferiam algumas palavras ricas — incrustadas de camadas de profundas *nuances* — para expressar ideias complexas. Por seu turno, os habitantes de Medina, mais emotivos e multiculturais, preferiam um bombardeio de palavras explicativas para expressar conceitos. Tentar compreender os capítulos de Meca através do prisma do dialeto de Medina — e vice-versa — é uma tarefa infrutífera. Maomé também viajou para além das fronteiras da Arábia, seguiu atentamente notícias sobre os confrontos entre impérios vizinhos, e procurou aprender tudo o que conseguiu sobre outras culturas conversando com visitantes estrangeiros à Arábia. Compreender o mundo para lá da sua bolha local era essencial para os seus esforços de transmitir a sua mensagem de uma forma capaz de chegar à audiência mais vasta possível. Explorar o contexto linguístico e sociopolítico de Maomé possibilita uma compreensão mais produtiva da sua vida e obra.

Fazer incidir o foco sobre uma figura sagrada como Maomé pode parecer intimidante. O escrutínio pode redundar na profanação de uma relíquia sagrada, e explorar o desconhecido pode deitar por terra convicções estabelecidas. Ponderar uma nova perspetiva pode provocar reações adversas.

Para aqueles apreensivos com a viagem que nos propomos fazer, pense-se numa vinheta clássica da vida de Maomé. Depois do discurso fracassado no Abu Qubais, o público de Meca continuou a rejeitar a sua mensagem como uma violação dos costumes mais sagrados da Arábia. Um dia, Maomé ajudou uma velhinha a carregar o seu cântaro de água pesado desde o poço de Meca até casa. Ela não reconheceu o homem que foi em seu auxílio e agradeceu ao desconhecido aparentemente anónimo com um conselho:

— Como podes ver, meu filho, eu sou uma pobre mulher, por isso não te posso oferecer nada como recompensa pela tua bondade. Porém, dou-te um conselho. Aquele Maomé fez muito mal, desencaminhando os jovens. Evita-o.

Maomé respondeu com gentileza:

— Lamentavelmente, recuso o seu bem-intencionado conselho. — Ao afastar-se, acrescentou: — Porque eu sou Maomé!

Na manhã seguinte, alguém bateu à porta da velhinha. Quando a abriu, encontrou uma cesta de comida e uma bolsa de moedas de prata.

A velhinha contou esta história para explicar o modo invulgar como Maomé a inspirara a mudar. O seu testemunho deveria inspirar-nos hoje a ultrapassar quaisquer receios sobre explorar uma figura sagrada como um ser humano.

* * *

Depois de pesquisar o Maomé humano nos tomos *sirah* e de participar em debates académicos durante vários anos, percebi que a minha investigação impunha uma visita aos sítios por onde andou. Eu sou do Canadá e nunca vira um deserto na vida. Fazer a tradicional peregrinação muçulmana aos 21 anos foi o meu primeiro contacto com o coração da terra de Maomé.

Quando as portas do autocarro se abriram em Meca, o cheiro a gasóleo e fruta demasiado madura subjugou os meus sentidos. Bem-vindo ao *hajj*!

Debaixo do sol abrasador da Arábia, fiquei a saber que até a sombra de uma árvore proporcionava pouca proteção quando uma rajada de vento quente me fustigou a cara como se vindo de um forno com a porta aberta. Depois, durante uma súbita chuvada no deserto, enormes gotas de chuva crivaram-me com tanta força que me fizeram doer a pele. Em segundos, a água deu-me pelos tornozelos e provocou enormes lamaçais. Tão depressa como chegaram, as chuvas diminuíram e a água escoou-se pelo chão seco como que sugada por um aspirador. Meca, uma cidade de padrões climáticos extremos, tem um caráter que faz jus ao significado do seu nome em árabe, «o esmagador de crânios».

Como norte-americano, eu tomara a água e as árvores como um dado adquirido, e as muitas referências do Alcorão às mesmas tinham-me previamente passado despercebidas. Numa viagem de autocarro de nove horas desde Medina pelo deserto até à fronteira com a Jordânia, de olhos arregalados, olhei pela janela sem ver nada a crescer, nem sequer uma erva daninha. No

meu autocarro de luxo com ar condicionado, imaginei Maomé a caminhar por esta paisagem desolada dezenas de vezes a acompanhar caravanas até Damasco e daí para outros lugares.

À noite, longe das luzes artificiais das cidades, o deserto revelou um céu cintilante cravejado de estrelas, como diamantes. Como não seria de espantar, o Alcorão está cheio de referências aos céus — incluindo capítulos intitulados *An-Najm* («As estrelas»), *Al-Buruj* (As constelações) e *At-Tariq* (O pulsar) — bem como diversas imagens de grandes vastidões.

É evidente que o ambiente da Arábia contribuiu profundamente para a visão do mundo de Maomé e para a linguagem que utilizou para popularizar aquilo que denominava *fikr* (pensamento) — um termo mencionado dezoito vezes no Alcorão. O ondear num charco de água, a nascente a borbulhar, enormes gotas a fazer o chão vibrar — o Alcorão descreve todos estes fenómenos como pontos de referência para transmitir ideias abstratas a um povo iletrado cuja compreensão do mundo era formada no duro teste deste deserto.

Consoante explorei o deserto às portas de Meca, observei ancestrais leitos de rios secos, imponentes desfiladeiros com fósseis de crustáceos outrora abundantes na Arábia. É evidente que estes chamaram a atenção de Maomé, que revelou o seu desejo de ver a «Arábia verde como já fora, com prados verdejantes e rios a correr». Para Maomé, o desaparecimento de vias navegáveis era sinal de um potencial inexplorado.

Recuperar o potencial natural e humano latente da Arábia exigia um pensamento empreendedor — algo que Maomé aprendera provavelmente durante as suas viagens com as caravanas a Damasco quando era mais jovem. O nome semítico da cidade, Damashq (construída depressa), reflete o seu estatuto de primeira e mais antiga metrópole do mundo.

Quando era um jovem adulto, decidi seguir Maomé até Damasco, chegando mesmo a estudar na ancestral mesquita omíada da cidade. Entre os meus mestres figuraram Shaikh Muhammad Sukkar e Shaikh ‘Abdur-Razzaq al-Halabi, estudiosos veteranos do Alcorão, cujas linhagens de mestres remontavam diretamente ao Maomé através de correntes de eminentes académicos.

Damasco, local de transformação, é onde Sha’ul (Saul) se tornou Paulo, influenciando a disseminação da Igreja Cristã. A mesquita omíada propriamente dita fora outrora partilhada durante mais de oitenta anos por muçulmanos e cristãos como uma catedral-mesquita híbrida. O edifício servira de templo para os Persas, os Gregos e os Romanos antes de se tornar uma igreja. Quando estava sentado do pátio, vislumbrei evidências de repetidas

transformações gravadas na mescla de pedras da construção: entalhes romanos num bloco, desenhos persas noutra, e assim sucessivamente.

Maomé fitara esta tapeçaria de reinvenção utilizando os pilares do passado, uma representação visual do ciclo de empreendedorismo da mesma idade da cidade. Conforme mais tarde declarou:

— Eu sou apenas uma única pedra de uma casa onde cada profeta e cada sábio antes de mim contribuíram com a sua única pedra. — Apenas em Damasco compreendi a *nuance* deste hádice e a sua ênfase num mosaico de indivíduos que se completam mutuamente.

Descobri também a biblioteca medieval Al-Zahiriyah na Cidade Antiga. Incluindo muitos manuscritos ancestrais, a biblioteca era um tesouro escondido no meio das ruelas de pequenas pedras arredondadas. Cativou-me com os seus antigos livros encadernados a couro, austeras prateleiras de madeira e recatados espaços de leitura. Os arquivos revelaram várias pedras preciosas de informação há muito enterrada sobre as interações quotidianas do profeta com o povo. Estas vinhetas humanizantes sobre Maomé ajudaram a clarificar o retrato que eu vinha a aprimorar na minha mente. Em essência, passei a ver Maomé como um empreendedor que mudara o mundo a operar num extraordinário leque de campos. Fê-lo apesar de — ou talvez devido a — uma batalha de uma vida inteira para ultrapassar obstáculos desencorajadores numa cidade estagnada. Esses obstáculos obrigaram-no a confrontar a dor da estagnação a um nível profundamente pessoal e impeliram-no a adotar um compromisso inflexível para um fluxo de dinamismo.

Quanto mais ponderei sobre esta história única, mais a vida de Maomé me pareceu relacionável com as pessoas que vivem no século XXI. Depois de fazer uma fortuna do dia para a noite como empreendedor, Maomé dedicou a segunda metade da sua vida a divulgar o conhecimento e a torná-lo acessível às massas. Quando os seus primeiros discursos falharam (como foi o caso de Abu Qubais), teve de mudar para novos protótipos capazes de surtir uma melhor resposta entre as audiências que mostraram mais resistência. Os seus esforços atraíram um grupo de investidores e primeiros partidários, uma rara mescla de empreendedores de sucesso insatisfeitos com o estado em que as coisas se encontravam e os mais desfavorecidos da sociedade, desesperados por novas oportunidades. Eventualmente, Maomé encontrou em Medina um local-piloto para implementar a sua visão cívica e tornou-se um produtivo construtor civil que transformou a cidade com canais de irrigação, sistemas de saneamento, centros comunitários e até uma Constituição para

uma governação partilhada. O seu enorme sucesso em Medina revelou-se uma ameaça para os monopólios arreigados na Arábia. De início, a concorrência tentou suborná-lo, mas a recusa de Maomé em afastar-se levou-os a almejar a sua aniquilação.

Com o seu novo movimento de súbito literalmente sob um cerco, Maomé viu-se forçado a operar num palco completamente novo: estratégia militar. Embora ele e o seu grupo fossem em menor número, Maomé não tardou a lobrigar estratégias arrojadas que conduziram a vitórias com um mínimo de derramamento de sangue e, em última instância, resultaram em transformá-lo no unificador das tribos dispersas da Arábia.

De facto, nos dois últimos anos de vida, Maomé viu a sua mensagem a beneficiar de ampla aceitação, abrindo caminho para se tornar uma das mais importantes religiões do mundo. Ao mesmo tempo, o humilde fundador renegou a ribalta, nomeando um talentoso protegido adolescente para assumir as rédeas na qualidade de clérigo principal de Meca e outro adolescente no cargo de general de topo da Arábia. Devotado ao seu novo sistema meritocrático, Maomé optou por não nomear um sucessor — uma decisão baseada em princípios, mas fatídica, que deixaria o seu legado à mercê de exploração. Fundamental para o seu sucesso foi o pensamento que preconizou. Otimista, Maomé procurou constantemente novas soluções para ultrapassar obstáculos e promover o *yusr* (fluxo). Além disso, insistiu para que as pessoas aproveitassem ao máximo o seu tempo limitado na Terra, observando que «o início do tempo é serenidade (*ridhwan*), o intermédio do tempo é otimismo para um melhor futuro (*rah-mah*) e o fim do tempo é responsabilização (*afw*)». Os primeiros relógios mecânicos, produzidos no século XI na Síria, ostentavam em lugar proeminente esta citação numa caligrafia cuidada.

O inovador pensamento de Maomé produziu conceitos-chave que ajudaram a iniciar o renascimento muçulmano do século IX e, mais tarde, do Renascimento europeu do século XVI. Inclui-se o precursor do método científico que criou para solucionar problemas; uma ordem social baseada na meritocracia, não na linhagem; um compromisso em conservar o ambiente natural; um mercado livre, que fomentou o fluxo de riqueza e evitou a acumulação que leva à estagnação; um código de ética na guerra; e, é claro, monoteísmo desenfreado como inspiração para o autoaperfeiçoamento.

A principal perspetiva de Maomé foi que aquilo que hoje se chama «modernidade» — meritocracia inovadora com livre exame, individualidade e oportunidade — advém em primeira instância do pensamento, não de

tecnologia superior ou recursos naturais. Esta obra relata a evolução do seu pensamento.

Enquanto a multidão no Abu Qubais desdenhou do discurso de Maomé e recolheu para os seus lugares seguros e estagnados, ele perseverou e, em última instância, foi pioneiro de um pensamento inovador que moldou o mundo de forma indelével. O epílogo avalia esse legado e explora brevemente como o indivíduo o pode aplicar na sua própria vida.

Que comece a viagem.